



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 419-432, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

HOMOSSEXUALIDADE: um preconceito social¹

HOMOSEXUALITY: a social prejudice

Hilda Albino Peixoto
Ana Maria Barbosa Jorge

RESUMO

O presente artigo aborda a discriminação contra a homossexualidade e objetiva verificar os preconceitos enfrentados pelos homossexuais na cidade de Sinop/MT. Por se tratar de um tema relevante e atual, despertou-nos o interesse em se fazer uma investigação para evidenciar as vivências de algumas pessoas que possui essa orientação sexual. Para tanto, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e entrevista semiestruturada com quatro sujeitos, entre 18 e 62 anos, amparada em teóricos como, Jean-Claude Bernardet e Tiago Souza Monteiro Andrade. As análises mostraram que ainda há uma forte incidência de preconceito, sendo necessário aprofundar as pesquisas e as discussões sobre o assunto.

Palavras-chave: Homossexualidade. Preconceito. Sociedade.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é resultado da disciplina de Diversidade e Variação Linguística, intitulado de **HOMOSSEXUALIDADE: um preconceito social**, sob a orientação da Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen na disciplina de Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLetras), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2019/1.

² Resumo traduzido pelo Professor Mestrando Joelinton Fernando de Freitas. Professor interino de língua inglesa do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestrando em Letras (Linguística Aplicada) do PPGLetras pela mesma instituição.

This article addresses discrimination against homosexuality and aims to verify the prejudices faced by homosexuals in the city of Sinop/MT. Owing to the relevance of the theme to social experiences, the promotion of peace and the dignity of people, and because it is part of human relations, it has become important as an object of this study. The methodology used was the semi-structured interview with four individuals, between eighteen and sixty-two years old, supported by theorists such as Jean-Claude Bernardet and Tiago Souza Monteiro Andrade. Analyzes showed that there is still a strong incidence of prejudice, what makes necessary to deepen research and discussions on the subject.

Keywords: Homosexuality. Preconception. Society.

Correspondência:

Hilda Albino Peixoto. Graduada em Letras – Especialização em Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira pela Universidade do Estado de Mato Grosso, (UNEMAT), Servidora Pública da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: hilda.a.p@hotmail.com

Ana Maria Barbosa Jorge. Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Especialização em Linguística Aplicada pela Faculdade de Sinop (FASIP), professora da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: anabarbosajorge@gmail.com

Recebido em: 19 de maio de 2020.

Aprovado em: 14 de agosto de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4009/2802>

1 INTRODUÇÃO

A manifestação do preconceito presente na sociedade do século XXI e por estar cada vez mais evidente nas relações sociais entre os sujeitos tornou-se objeto importante para investigação desta pesquisa sobre o preconceito sexual, fenômeno esse presente nos contextos sociais, porém uma temática difícil de ser discutida na coletividade, apesar das mudanças na sociedade moderna.

O que se percebe é que muitas pessoas persistem em censurar quem possui uma orientação sexual diferente, demonstrando uma atitude homofóbica, que nada

mais é do que o espelho do domínio heterossexual, uma objeção não só ao homossexualismo, mas a tudo que se distancia do comportamento esperado. Assim, pretende-se verificar como ocorre essa prática de preconceito e discriminação, em relação aos homossexuais, na cidade de Sinop-MT, e como eles lidam com essa situação.

Com relação ao preconceito, “entre os vários sentidos possíveis para esse termo, dois nos parecem esclarecedores: (1) qualquer opinião ou sentimento concebido sem exame crítico; (2) sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio” (HERZOG, 2019, p. 275). Para a autora em qualquer desses dois sentidos, a definição se refere a um determinado modo de comportamento do sujeito. Tal afirmação nos leva a perceber que essa conduta de julgar alguém sem conhecimento ou de forma injusta e inconsequente provoca sofrimento àqueles que no seu entendimento estão fora dos padrões considerados “corretos” pela sociedade.

O pensamento conservador está presente em diversos âmbitos da sociedade, como nas mais variadas manifestações da cultura e do relacionamento humano, que vai desde as relações profissionais, às escolares, de amigos e no meio familiar. Como afirma Antunes (2016, p. 5): “a sociedade se enraíza e se expressa em cada centelha da ação humana”. Ela explica que, mesmo a união homoafetiva sendo permitida hoje no Brasil, o casal enfrentará uma série de normas culturais que apontam a suposta anormalidade de seu desejo, atuando como forças contrárias à efetivação de seu próprio direito.

Também Garton (2009, *apud* SILVA e SILVA, 2019, p. 189) discorre sobre o assunto e diz que de uma pessoa socialmente instituída, espera-se um comportamento preestabelecido, ou seja, “por um lado, heterossexual e, por outro, masculina/feminina, reproduzindo-se assim não só uma orientação sexual dominante, mas também comportamentos tipificados que se coadunem com o sexo biológico inscrito sobre o corpo. ”

Percebe-se que há dificuldades desses sujeitos, em virtude das opressões por meio de setores que defendem o que se estabeleceu como “moral e bons costumes”, o que contrasta com a luta dos homossexuais em busca da sua

liberdade de expressão e de sua afetividade. O conceito de homofobia torna-se, neste contexto, importante porque são resultados de situações nas quais as orientações sexuais díspares da heterossexualidade são marginalizadas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas.

Constata-se, no entanto, que é um tema pouco divulgado nas publicações acadêmicas. Desta forma, este artigo busca contribuir para um novo olhar em relação à homofobia presente nas relações sociais que envolvem comportamentos emocionais relativos aos vários tipos de agressão. Fato é que essas considerações e reflexões devem ter lugar reservado nas discussões acadêmicas, espaço apropriado para novos interesses nas pesquisas direcionadas ao tema no contexto social e cultural.

Nessa perspectiva, a produção deste artigo vem ampliar os conhecimentos adquiridos na disciplina de Diversidade e Variação Linguística no PPGLetras da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* de Sinop, que tem, entre outros, o propósito de discutir as diversas formas de preconceitos presentes na sociedade contemporânea. Nesse sentido, para compreender um pouco mais sobre esse assunto, trouxemos as contribuições de alguns autores que escreveram sobre o tema, destacando-se aqui Bernardet (2014) e Andrade (2017).

2 PRECONCEITO E SOCIEDADE

Apesar das mudanças e modernidade contemporânea, a sexualidade ainda é um assunto que envolve um grande enigma do ser humano e, em pleno século XXI, é possível ver pessoas que tratam de forma preconceituosa aqueles que, na opinião delas, possuem uma orientação sexual “diferente”. Isso decorre de uma construção, cultural e moral, arcaica de nossa sociedade.

De acordo com Santos (2012, p. 03).

Na maioria das vezes o preconceito vem exatamente de um conceito mal formulado na mente dos indivíduos, sendo apenas reproduções de ideias que os acompanham desde o nascimento, prova dessa reprodução, são piadas preconceituosas a respeito de homossexuais que atravessam gerações e somente tem sentido para aqueles que estão condicionados por um pensamento alienado.

Assim, os indivíduos reproduzem o que lhes foram repassados desde crianças, e, que conseqüentemente, os tornam preconceituosos, que tratam o outro como anormal ou inferior, apenas por não compartilhar dos mesmos ideais ou identidades sexuais, repetindo assim o padrão de comportamento herdado das gerações anteriores, uma vez que as primeiras concepções morais são trabalhadas no seio da família e depois consolidadas por meio das vivências sociais.

Desse modo, a prática da homofobia contribui para o aumento do preconceito, discriminação e violência contra os homossexuais, contrariando assim, a Constituição Federal, que traz tanto no artigo 3º a ideia de se promover o bem de todos, para que não haja preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Além disso, garante de acordo com o artigo 5º que todos são iguais perante a lei. (BRASIL, 1988).

Por outro lado, mesmo o preconceito sobre a homossexualidade estando cada vez mais presente em nosso cotidiano, o assunto vem ganhando espaço a cada dia na mídia, inclusive nas alas de decisão judicial e, assim, deixa de ser apenas uma especulação, passando a uma discussão que envolve toda a sociedade.

3 UMA ABORDAGEM TEÓRICA

Estudos mostram que foi a partir do século XX, que a homossexualidade deixou de ser vista como uma doença que precisava de tratamento, pois era tida como uma disfunção, em meio aos médicos que achavam que poderiam tratá-la como tal. No entanto, conforme Brêtas e Freitas (2011, *apud* SCARAMUSSA, 2018), o senso comum ainda é pautado em conceitos ultrapassados e dogmas religiosos, causando, aos que não têm a mesma orientação afetiva sexual do modelo socialmente padronizado, o sofrimento, em virtude da discriminação.

Dessa forma, estando o preconceito em relação à homossexualidade, cada vez mais presente na sociedade, há que se tomar o cuidado para não se correr o risco de uma institucionalização, pois o assunto envolve toda a sociedade e, portanto, é necessário que haja uma discussão que envolva integralmente o assunto, a fim de evitar a discriminação dos sujeitos, apenas por não fazerem parte do mesmo grupo.

De acordo com Bernardet (2014), uma das piores formas do preconceito contra os homossexuais é quando pessoas próximas como pais, parentes, amigos da família, colegas da escola e professores, ao perceberem a orientação dos desejos sexuais e afetivos de um jovem ou de uma jovem, organizam em torno deles uma campanha, geralmente insidiosa (quando às vezes nem ele tenha se dado conta de sua orientação sexual). Mostra ainda que toda essa “perseguição” vem minar a segurança do adolescente, fazendo com que ele encampe em parte o preconceito contra ele próprio.

Ele se vê dividido entre o prazer de estar com seu amigo, e uma culpabilidade e uma solidão que ele não sabe reconhecer muito bem. Nada disso facilita qualquer forma de afirmação, e encaminha para comportamentos depressivos e uma vida dupla: precisa esconder, manter aparentemente uma vida como os outros querem e, às escondidas, satisfazer os seus amores e desejos (BERNARDET, 2014, p. 30).

Diante de uma situação como essa, segundo o autor, são necessárias firmeza e coragem para se afirmar e assumir para o mundo, para ser aceito(a) e respeitado (a) pelos outros, pois a sociedade oferece modelos de comportamentos, mas para este adolescente não há trilhas prontas, um roteiro a seguir, pois para muitos a norma é a heterossexualidade. Então, resta a ele (a) a luta pelos seus direitos, pela sua felicidade.

3.1 A história da homossexualidade

Desde os primórdios da humanidade, e em algumas sociedades, essa prática não causava espanto e era considerada normal, ou fazia parte dos costumes permitidos. Conforme Andrade (2017, p. 58): “Na Grécia Antiga, o relacionamento homoerótico entre um homem mais velho e um jovem era considerado, segundo as leis da sociedade helênica, uma prática pedagógica”. Para corroborar tal aceção, o autor referencia Dover (2007) que aponta o filósofo grego Sócrates como adepto ao amor homossexual e, segundo descreve, a visão dele a respeito do relacionamento heterossexual era de que servia apenas para procriar.

Em consonância com esse pensamento, Bernardet (2014, p. 32) nos diz que o desenvolvimento da homossexualidade masculina se apoiava, principalmente, na discriminação das mulheres gregas que ficavam confinadas nas suas casas, dedicadas à procriação e às tarefas domésticas. O mesmo autor relata a indignação do gênero feminino antes da era cristã, citando a fala de uma esposa numa tragédia de Sófocles: “Tenho observado que, com frequência, esse é o destino das mulheres – não somos absolutamente nada.” (BERNARDET, 2014, p. 32).

Essa assertiva vem demonstrar a insatisfação de algumas mulheres em relação a maneira como eram tratadas naquela sociedade, na qual o destaque era para os homens que viviam a homossexualidade como algo natural, comum entre estes que muitas vezes tinham suas famílias constituídas, e mesmo assim mantinham relacionamentos extraconjugais.

Em relação à aceitação dos jovens, Andrade (2017, p. 59) afirma que: “para a educação dos jovens atenienses, esperava-se que os adolescentes aceitassem a amizade e os laços de amor com homens mais velhos, para absorver suas virtudes e seus conhecimentos de filosofia.” Nesse contexto, Bernardet (2014) relata sobre a formação dos casais na Grécia Antiga, constituídos por um homem adulto “*erastes*” e um adolescente “*eromenos*”, os quais seguiam certas imposições que faziam parte desse tipo de relação.

Segundo Bernardet (2014), os gregos formavam casais constituídos por um homem adulto e um adolescente, frequentemente com a autorização dos pais do adolescente. Mas o adulto não devia se aproveitar do corpo do amante como um objeto sexual, era seu dever contribuir para a formação cultural e moral, incentivando nele a coragem e a honra. Quando o adolescente ficava adulto, a relação devia cessar, e o novo adulto podia então manter relações com um adolescente.

De acordo com a fala do autor, compreendemos que o adulto era uma espécie de tutor e que esse tipo de relacionamento era visto como um ritual, pelo qual todo jovem grego havia de passar, a fim de se tornar um adulto honesto e destemido, para enfrentar os desafios da vida adulta. Processo esse que se repetia quando o novo adulto poderia se relacionar com um adolescente, já que a ideia de homossexualidade não existia na Grécia Antiga e um homem podia sentir desejos sexuais e afetivos por pessoas do seu sexo ou do sexo feminino e manter essa

compatibilidade, pois não se pensava em exclusividade sexual. Segundo Bernardet (2014, p. 32), “os adultos que mantinham relações com adolescentes eram na sua quase totalidade casados e pais de família. E a relação homossexual não entrava em contradição com sua vida familiar”.

Para o autor, esse era o comportamento socialmente aprovado, mas que isso não quer dizer que acontecia sempre dessa maneira, uma vez que essa relação adulto-adolescente era codificada e o adulto não deveria ser penetrado pelo rapaz, pois seriam desprezados se o comportamento fosse passivo e havia uma expressão pejorativa que os designava nesse caso: “bunda larga”, o que corresponderia hoje ao veado, gay, homossexual.

Dessa forma, se, naquela época, as relações sexuais e afetivas entre dois homens adultos ou dois jovens existiam, mas eram malvistas e condenadas perante aquela sociedade, pode-se inferir, então, que havia o preconceito e a discriminação já entre os gregos.

3. 2 A homossexualidade feminina

A palavra que nomeia a homossexualidade feminina, segundo estudos relatam, surgiu na ilha grega de Lesbos, localizada no nordeste do Mar Egeu, de onde se originou a palavra lesbianismo. Havia uma poetisa Safo, a qual incentivava relações entre mulheres, livres dos homens. Isso teria trazido felicidade às mulheres gregas que foram, de certa forma, as primeiras feministas a se unirem na luta pelas suas liberdades de escolha, inclusive sexual, já que, até então, somente os homens possuíam esse direito.

Embora tão antiga como a homossexualidade masculina, a homossexualidade feminina ou “lesbianismo” se apresenta de forma mais discreta, mais moderada, isso acontece também pelo fato de que as mulheres não tiveram sempre os mesmos direitos que os homens. Ainda hoje, pouco se fala a respeito do lesbianismo ou relação sexual entre as mulheres.

4 METODOLOGIA

A metodologia empregada para a realização deste trabalho foi a entrevista semiestruturada, com abordagem qualitativa, realizada no mês de outubro de 2019, com quatro sujeitos, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, na faixa etária de 18 a 62 anos de idade, em três bairros da cidade. Destes, dois possuem curso de nível médio, 01 Estudante e 01 Técnica de Enfermagem e dois possuem curso superior, 01 Psicólogo e 01 Professora aposentada. Para a realização das entrevistas, não foi levado em conta nenhum fator socioeconômico.

Foram elaboradas 04 questões sobre o tema, 'Preconceito' contra os Homossexuais, com a finalidade de verificarmos o preconceito sofrido por eles e o posicionamento de cada um sobre esse tema, bem como suas percepções referentes a forma como são tratados pela sociedade.

As perguntas foram estruturadas de forma a contemplarem os seguintes itens: Orientação sexual; Aceitação, Medo/exposição da sexualidade; Reação da família; Estigmatização/preconceito; Sociedade; Leis/Direitos. As entrevistas foram registradas por meio de questionários utilizando-se de um aplicativo *Dictate – Speech To Text & Translator* e transcritas na íntegra, conforme o relato dos informantes.

5 RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS

No intuito de acrescentar informações à pesquisa, foi aplicada uma entrevista com algumas questões direcionadas aos sujeitos citados anteriormente, e que atuam em diferentes áreas profissionais em Sinop. Os questionamentos visam avaliar o posicionamento destes diante de situações distintas, levando em consideração a profissão, a idade, o sexo e a orientação sexual dos entrevistados.

Questionados sobre a orientação sexual, aceitação, medo, exposição da sexualidade, a recepção na família e na sociedade, relataram que:

(01) Professora: Desde criança sempre fui assim, porém tinha que seguir as regras da sociedade, por isso fiquei casada 35 anos e tive 3 filhos. Fui forçada a manter o casamento hétero por imposição de ser mãe, professora e pertencer a uma família tradicional e preconceituosa. No início tive medo e não me assumi como verdadeiramente me sentia.

(02) Técnica de enfermagem: Minha família simplesmente me deserdou e isso me causou vários danos sentimentais. Já sofri muito preconceito, verbal, psicológico, no trabalho e na escola. Quando eu passava nos corredores da escola, me chamavam de “sapatona” e no trabalho eram as piadas [...]. Na minha casa as meninas tinham que ter cabelo comprido, era meu pai que exigia. Um dia cortei meu cabelo e escondi usando boné. Quando ele descobriu queria me matar, fazia de tudo para colar meu cabelo.

(03) Estudante: Tem que ser verdadeiro consigo mesmo, quando não se é, você acaba se atrapalhando nos sentimentos. Dos meus pais eu tenho um receio, eles não comentam nada, mas acho que sabem a verdade sobre a minha orientação sexual. Com os meus amigos é diferente, quando estou com eles sou eu mesmo, consigo me expressar melhor.

(04) Psicólogo: A princípio tive muito receio por não saber lidar com a situação, porém, ao longo da vida fui tirando minhas próprias conclusões e entendi que cada pessoa tem suas escolhas e condições diante da vida, mesmo porque não entendo isso como orientação e sim como condição sexual. A partir desse entendimento encontrei meu espaço no mundo e as pessoas próximas a mim me entenderam e me respeitam.

Diante dos relatos, observa-se que as falas de alguns entrevistados evidenciam a ausência do apoio da família que não quer se envolver por não aceitar a situação, sendo comum, os familiares externarem agressões, ameaças e outros tipos de violências que demonstram a intolerância, em virtude da decepção e medo, ao descobrirem a orientação sexual do(a) filho(a).

Perguntados sobre o posicionamento deles diante das atitudes de preconceito e como se sentem perante a sociedade, responderam:

(05) Professora: Lido de forma tranquila, uso a psicologia para não entrar em discussão, deixo a pessoa falando sozinha. Me vejo como uma pessoa normal que exige seus direitos.

(06) Técnica de enfermagem: Às vezes tenho medo, busco forças para lidar com as situações. Mas não é nada fácil. Até emprego é difícil arrumar, porque quando percebem a minha orientação sexual, demonstram desinteresse, dá para perceber nas atitudes, no modo de agir, de olhar e outras mudanças no comportamento da pessoa.

(07) Estudante: Um pouco incomodado, talvez, pelo fato de ainda não ter revelado para a minha família [...] espero que me apoiem quando souberem da minha orientação sexual. Acho que no fundo, eles já perceberam, mas nunca me disseram nada.

(8) Psicólogo: Compreendo que ainda existe muito preconceito e discriminação, mas hoje tenho uma percepção diferente da que já tive, então, entendo que as ofensas, *bullying* e outros tipos de agressões são meramente uma resistência ou defesa do agressor. Pode ser que ele se identifique com a situação e não queira assumir ou por alguma razão ele esteja externando algum conflito dele mesmo.

Nota-se pelas respostas, que a manifestação do preconceito depende também do comportamento daquele que é sujeitado ao contexto, que as vezes ao se ver diante de atitudes discriminatórias, pode ter uma reação de defesa ou se trancar em si. Afinal, nem sempre é fácil ter coragem para se fazer aceitar e ser respeitado pelos outros, uma vez que o preconceito ainda se faz presente na sociedade.

Questionados sobre o conhecimento dos seus direitos, obtivemos as seguintes respostas:

(09) Professora: Sei que os direitos são universais para todos, mas as vezes não são respeitados e isso é muito ruim. Todo ser humano merece ser tratado com respeito.

(10) Técnica de enfermagem: Nunca me preocupei muito em saber sobre isso, mas acho importante conhecer nossos direitos.

(11) Estudante: Na verdade, sei que existem direitos que nos protegem, mas não me aprofundi ainda nesse assunto, mas pretendo me informar mais sobre esse assunto.

(12) Psicólogo: Tenho conhecimento sobre os direitos legais e se for necessário usaria sim, como por exemplo em uma situação em que eu percebesse que a ofensa foi intencional e que eu tenha me sentido exposto e constrangido.

Portanto, subentende-se, assim, que embora não haja uma preocupação e interesse maior por parte de alguns entrevistados em conhecer seus direitos e/ou se impor com firmeza contra o preconceito, existe a noção destes, bem como a defesa por parte de quem se sentir prejudicado em circunstâncias de constrangimento, sobretudo, em casos de ofensas de forma proposital.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou entender e conhecer um pouco mais da realidade que envolve a vida dos homossexuais da cidade de Sinop-MT. Mediante relatos aqui expostos, confirma-se ainda a existência de uma forte incidência de preconceito e discriminação nos vários contextos sociais. Preconceito esse que já data há séculos e persiste na atualidade.

Constatou-se que em diferentes ambientes há a manifestação de comportamentos preconceituosos e discriminatórios que causam sérios danos à pessoa no seu psicológico, bem como em sua vida pessoal e profissional. Isso se observa na fala de uma das entrevistadas que ao relatar a sua orientação sexual no momento de pleitear uma vaga de emprego, notou o desinteresse em contratá-la na função da qual possui qualificação profissional e que nem sempre se evidencia na fala, mas no modo de agir, no olhar e nas mudanças possíveis de se observar a partir do momento que acontece essa descoberta.

Por meio da pesquisa, pôde-se observar, em diferentes contextos e por pessoas de idades diversas que, apesar de vivermos em tempos modernos, ainda existe bastante intolerância por grande parte da sociedade que trata de forma diferenciada aqueles que não seguem os modelos de comportamentos por ela estabelecidos. Ou seja, o preconceito contra a homossexualidade ainda é forte. A lógica disso talvez seja devido ao fato de estarmos habituados a acreditar no que nos sempre foi mostrado e nossa aprendizagem social faz com que fiquemos conformados com atitudes discriminatórias.

Este estudo revelou a importância da necessidade de um aprofundamento das discussões sobre o tema, bem como a efetivação de ações, programas e políticas públicas que garantam respeito e acima de tudo a igualdade dos direitos, a fim de reduzir o preconceito que ainda se faz presente na atualidade. Diante disso, promover a inclusão social dos homossexuais nos dessemelhantes contextos da sociedade.

Conclui-se que ainda é preciso dar continuidade aos estudos, a partir de outras verificações em contextos específicos para possibilitar uma melhor compreensão desse fenômeno nos dias atuais trazendo, novos fatos, leis ou documentos a fim de comprovar os direitos conquistados por essas minorias e que por muitos ainda continuam desconhecidos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, T.S.M. O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica. **Faces da História**, Assis -SP, v.4, n. 2, p. 58-72, jun./dez., 2017. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/271/835>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ANTUNES, Deborah Christina. Tolerância e democracia hoje: o discurso de deputados em defesa da posição conservadora. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 3-13, Apr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n1/1807-0310-psoc-28-01-00003.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2019.

BERNARDET, Jean-Claude. Homossexuais: ser ou não ser não é a questão. *In*: PINSKY, Jaime (org.). **12 faces do preconceito**. 11 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC912016.pdf. Acesso em: 30 maio 2020.

ESTUDANTE 3. **Homossexualidade**: preconceito Social. [Entrevista cedida a]: Ana Maria Barbosa Jorge. Sinop, out. 2019.

GARTON, Stephen. 2009. In: SILVA, Nicolas Martins da. SILVA Sofia Marques da. «Cada um no seu canto!»: Olhares de jovens do ensino profissional sobre homossexualidade e masculinidade. **Ex aequo**, Lisboa, n. 39, p. 187-205, jun. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n39/n39a13.pdf>. Acesso em: 18 de nov. 2019.

HERZOG, Regina. Do preconceito à intolerância: quando se rouba a humanidade do outro. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 273-279, Dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/agora/v22n3/1809-4414-agora-22-03-273.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2019.

PROFESSORA 1. **Homossexualidade**: preconceito Social. [Entrevista cedida a]: Ana Maria Barbosa Jorge. Sinop, out. 2019.

PSICÓLOGO 4. **Homossexualidade**: preconceito Social [Entrevista cedida a]: Hilda Albino Peixoto. Sinop, out. 2019.

SANTOS, Vanessa dos. HOMOSSEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR. Ensino de Sociologia em Debate. **Revista Eletrônica**: LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL. Edição Nº. 2, Vol. 1, jul-dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpespibid/pages/arquivos/2%20Edicao/VANESSA%20SANTOS%20-%20ORIENT.%20CESAR.pdf>. Acesso em: 14 de nov. 2019.

SCARAMUSSA, William de Souza. “**Saindo do armário**”: vicissitudes da dor. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Faculdade de Educação e Meio Ambiente de Rondônia, Ariquemes, 2018. Disponível em: http://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/2410/1/TCC%20FINALIZADO%20-%20WILLIAM_assinado.pdf. Acesso em: 17 nov. 2019.

TÉCNICA DE ENFERMAGEM 2. **Homossexualidade**: preconceito Social. [Entrevista cedida a]: Ana Maria Barbosa Jorge. Sinop, out. 2019.